

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE LETRAS**

**PERSPECTIVAS SOBRE A MASCULINIDADE NO CONTO “UMA AMIZADE  
SINCERA”, DE CLARICE LISPECTOR.**

**ISABELLE DE SOUZA TEOTONIO**

**RIO DE JANEIRO- RJ**

**2023**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**ISABELLE DE SOUZA TEOTONIO**

**PERSPECTIVAS SOBRE A MASCULINIDADE NO CONTO “UMA AMIZADE SINCERA”, DE CLARICE LISPECTOR.**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na Habilitação Português/Literaturas.

**Orientação: Prof. Dr. Renan Ji**

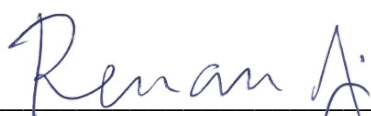
**RIO DE JANEIRO- RJ**

**2023**

**FOLHA DE AVALIAÇÃO****ISABELLE DE SOUZA TEOTONIO****DRE: 117032564****PERSPECTIVAS SOBRE A MASCULINIDADE NO CONTO “UMA AMIZADE SINCERA”, DE CLARICE LISPECTOR.**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na Habilitação Português/Literaturas.

Aprovada em: 19 / 12 / 2023



Prof. Dr. Renan Ji (orientador)

NOTA: 8,5



Prof. Dr. Marcelo da Rocha Lima Diego (leitor crítico)

NOTA: 8,5

Para minha família e amigos.

## RESUMO

A masculinidade tóxica se tornou um assunto frequente nas reflexões contemporâneas pautadas pela crítica feminista à sociedade patriarcal.

Apesar de grande parte dos tópicos tratados em relação a esse tema ser relacionada a abusos e opressões sofridas pelas mulheres, não é somente este grupo que sai prejudicado pela manutenção desse sistema. Os homens também acabam sendo prejudicados, já que, da mesma forma que criam os padrões que regulam sua identidade de gênero, eles são obrigados a tentar constantemente alcançá-los para mostrar seu valor.

É comum associar a masculinidade à violência física, e esquece-se que essa “agressão” pode vir de formas mais sutis e discretas, causando grandes danos psicológicos. Esses ataques podem vir de pequenas frases do dia a dia a cobranças de comportamento, e tem como intuito moldar o indivíduo de acordo com o que a sociedade espera dele.

É a partir dessas constatações que se entende a necessidade de uma reflexão mais aprofundada acerca da masculinidade, que contemple não apenas os casos mais notórios de violência de gênero, mas que busque também uma visão mais fundamental da masculinidade como princípio identitário que regula, controla e oprime homens e mulheres.

Com o intuito de contribuir para as reflexões sobre a masculinidade contemporânea, este trabalho parte de um contexto pouco previsível para tal questão: a literatura existencial de Clarice Lispector, mais especificamente o conto “Uma Uma amizade sincera”. Trata-se de um texto que promove reflexões interessantes, e que muitas vezes passam despercebidas quando se falam das relações masculinas e do próprio ideal de masculinidade. Por meio de um assunto leve como a amizade, será possível depreender dinâmicas mais profundas da masculinidade, que podem agregar na luta feminista contra a masculinidade tóxica.

**Palavras-chave:** Masculinidade, Amizade, Gênero, Clarice Lispector.

## **ABSTRACT**

The term toxic masculinity has become a topic that is frequently present on contemporary criticism made by the feminist movement to the patriarchal society. Although the majority of the discussions based on this topic are connected to abuse and oppression suffered by women, not only this group of people suffers when this system is maintained by society. Men also suffer the consequences as they create the patterns that regulate gender identity and they have to try to reach this pattern in order to show society how valuable they are.

It is common to associate masculinity to violence. However, society tends to forget that violence might also occur in more subtle and silent ways such as sentences people use in their daily lives and certain types of behavior that are expected by society and that can cause them huge psychological damages. Based on these statements, it is possible to understand that a deeper reflection upon masculinity is necessary. This reflection should focus not only on the most notorious aspects of violence concerning gender, but it should also focus on a perspective of masculinity as an identity aspect that regulates, controls and oppresses men and women.

In order to promote reflections upon contemporary masculinity, the short story "Amizade Sincera", written by Clarice Lispector, was used as the basis of this paper. It is a text that promotes interesting insights that do not usually receive a huge amount of attention when it comes to interaction between men and to the ideal of masculinity itself. By observing the topic friendship that permeates the short story, it will be possible to notice aspects of masculinity that might be helpful tools to the feminist fight against toxic masculinity.

**Keywords:** masculinity, friendship, Clarice Lispector.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>CAPITULO 1: AMOR OU AMIZADE? .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 2: UM EXCURSO SOBRE O HOMOEROTISMO .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 3: UMA AMIZADE SINCERA? .....</b>	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO 4: A MULHER POR TRÁS DOS HOMENS .....</b>	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO 5: MASCULINIDADES E AFETOS.....</b>	<b>23</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>29</b>

## INTRODUÇÃO

Há um bom tempo, venho observando que, através de diferentes plataformas de comunicação, o debate sobre a masculinidade vem sendo constantemente trazido à tona em matérias de revistas, podcasts ou até mesmo em um rápido vídeo de rede social com um intuito de conscientizar os seguidores. O tema da masculinidade é algo que vem sendo ao longo do tempo desconstruído, e que tem seu significado reformulado de acordo com grupos que se rebelam diante da opressão que a própria palavra carrega, e de importantes pautas sociais levantadas no decorrer dos anos. Mas, afinal, apesar de ser uma palavra comum do cotidiano, qual o significado de “masculinidade”?

Ao procurarmos no dicionário vemos que seu significado representa a “qualidade do masculino”. Se pegarmos o significado por si só, não parece tão amedrontador ou prejudicial, mas socialmente essa palavra tende a remeter a características como: brutalidade, autoridade e insensibilidade.

Não é possível chegar a uma única definição que englobe todas as características necessárias para descrever a masculinidade, pois seu significado tende a sofrer adaptações de acordo com o meio em que o próprio indivíduo vive. JJ Bola, em seu livro *Seja homem, a masculinidade desmascarada*, nos mostra que a masculinidade é relativa e definida de acordo com as regras sociais, que são impostas e seguidas como modelo de comportamento: “A condição do sujeito na qualidade homem, bem como a masculinidade associada a esse ideal, não é, portanto uma entidade fixa” (BOLA, 2020, p. 24).

Para exemplificar essa afirmação, o autor começa a contar uma história de sua adolescência, quando morava em Londres. JJ Bola estava passeando com nativos da comunidade congoleza (seu país de origem). Sendo um costume típico dos homens congolezes caminhar de mãos dadas pelas ruas, e apesar de ser algo cultural e comum em seu país, o autor se sentiu constrangido pelos olhares julgadores que recebeu, olhares esses que refletiam uma cultura distinta da sua.

Tal exemplo nos mostra como o conceito de masculinidade não é algo fixo. A indignação por parte dos homens, que estavam observando os congolezes darem as mãos, mostra como um ato pode ser visto de forma natural em um meio, assim como pode ser questionado e repreendido em outro.



Então podemos concluir que o conceito de masculinidade, por si só, não é violento, mas sim o meio é o fator que diversifica o significado da palavra e o torna algo opressor.

Por isso, acredito que outra palavra deva ser associada a esse estudo para que consiga englobar as problemáticas relacionadas a esse tema: a palavra “tóxica”.

Como a palavra “masculinidade” significa “qualidade do homem”, se eu vivo em um meio onde as qualidades enaltecidas do homem são a sensibilidade e a afetividade, a palavra se direciona para um polo positivo. Agora, se eu vivo em um meio em que são valorizadas atitudes egoístas, frias e violentas, retoma-se uma visão negativa. Por isso, o problema não está na masculinidade, mas sim na “masculinidade tóxica”.

É possível ver a manifestação dessa toxicidade de diferentes formas: na política, nos ambientes de trabalho e nos acontecimentos do dia a dia. Nas sociedades patriarcais, a sociedade tende a incentivar os comportamentos tóxicos masculinos, impostos tanto de forma agressiva, como de forma implícita. Muitas vezes, atos machistas são incentivados e praticados de forma que homens e mulheres sequer percebem como esses padrões regulam suas condutas.

Pensando nesses padrões ora mais ora menos conscientes da masculinidade contemporânea, este trabalho visa analisar um conto de Clarice Lispector, intitulado “Uma amizade sincera”, pontuando esses atos despercebidos, que intimamente até podem promover algum autoquestionamento nos homens, mas que os próprios não sabem identificar o motivo disso acontecer, e acabam deixando grandes experiências de afeto e cumplicidade passarem despercebidas.

## Capítulo 1: Amor ou amizade?

Antes de principiar a análise sobre o conto “Uma amizade sincera”, convém realizar um resumo sobre a obra.

O texto aborda a relação de dois amigos, que se conheceram no período da adolescência, e com a convivência perceberam interesses em comum. Porém, ao longo dos anos, o vínculo construído entre os personagens acabou por ser afetado, pela dificuldade de manutenção dessa relação. Na luta para salvar essa amizade, constantemente ratificada ao longo do texto como “sincera”, eles continuam a insistir, tentando recuperar a vivacidade dos seus encontros iniciais.

A interpretação, anteriormente citada, tende a ser estabelecida pela grande parte dos leitores que descrevem essa obra. Porém, a beleza da interpretação está na sua multiplicidade de opiniões, e trechos presentes no conto possibilitam que o leitor crie a sua própria visão em relação à narrativa apresentada.

Conforme o leitor se relaciona com um texto, pontos que anteriormente não haviam sido notados acabam tomando novas proporções; pois a visão interpretativa pode/tende a ser alterada ao longo do tempo, através de releituras e debates.

Para a disciplina de Questões da Literatura Brasileira, redigi um trabalho sobre esse texto, no qual relatei, com riqueza de detalhes, as primeiras impressões que tive no contato inicial com o conto. Na ocasião, acreditei se tratar de uma relação de amor platônico entre dois amigos.

Durante a aula na qual fizemos a leitura do conto, grande parte da turma acabou tendo a mesma interpretação estabelecida por mim inicialmente. Entretanto, o professor começou a questionar o grupo sobre os motivos da visão amorosa em relação ao conto. O docente nos estimulava a notar que estávamos projetando tal relação, pelo simples fato de serem dois homens com dificuldades de expor seus sentimentos. Segundo ele, na estrutura textual do conto de Clarice, não havia nenhum indício concreto de desejo entre ambos.

Estávamos encarando o desconforto presente na amizade entre os personagens como algo relacionado a um homoerotismo recalcado. Porém, descobrimos que, desse modo, também estávamos, inconscientemente, descartando a possibilidade de um elo afetivo realmente existir entre dois homens.

A aula prosseguiu com comentários acerca dos apontamentos feitos pelos alunos, na qual ocorreu uma série de desconstruções e reflexões acerca dos

padrões esperados nas amizades. Dois homens podem compartilhar um elo profundo que não se confunda com o amor? Se sim, como se caracterizaria essa profunda amizade? Seria similar à de duas mulheres? Além de tratar sobre o enredo do conto, o professor conseguiu pontuar características que colocavam a real sinceridade da relação entre os amigos em questionamento, chegando a conclusões que acabariam por contradizer o próprio título do conto.

A hipótese de um amor não realizado, no entanto, ainda persistia comigo. Percebi, por exemplo, que o leitor do conto se depara com a constante repetição da palavra “sincera”. A reincidência da palavra tende a promover no leitor uma expectativa de atitudes honestas dos personagens, revelando algo verdadeiro e genuíno.

Ao longo do texto, a palavra “sinceridade”, em diferentes momentos, caracteriza o tipo de amizade existente entre os envolvidos. Essa ênfase da palavra pode ser vista como uma estratégia de argumento do próprio narrador, para convencer o leitor dos motivos que o faziam insistir no prolongamento dessa amizade. Uma segunda perspectiva, em relação ao uso da palavra, seria que o narrador inconscientemente desconfiaria da veracidade de sua amizade. E por isso ocorreria uma tentativa de compensar, no plano do discurso, a suspeita recalcada de que aquela amizade possa ser insuficiente, falha.

Por isso, trechos como: “Tínhamos apenas essa coisa que havíamos procurado sedentos até então e enfim encontrado: uma amizade sincera.” (LISPECTOR, 1998, p. 14); “Mas uma amizade sincera queria a sinceridade mais pura” (idem, p. 14); e “E sabíamos também que éramos amigos. Amigos sinceros” (idem, p. 16) – parecem mostrar um narrador que, possivelmente apaixonado pelo seu amigo, reprime o desejo enfatizando a sinceridade profunda da amizade. Isso o faz procurar constantemente esse amigo, mas sem atinar ao certo a razão disso, deparando-se com uma constante falta de assunto.

Um dos argumentos utilizados, na tentativa de validar o sentimento amoroso entre os personagens, seria o trecho “Continuamos um ao lado do outro, sem encontrar aquela palavra que cederia a alma. Cederia a alma? mas afinal de contas quem queria ceder a alma? Ora essa.” (LISPECTOR, 1998, p. 16). A expressão “Ora essa” poderia indicar uma repressão, por parte do narrador, em admitir seus reais sentimentos amorosos por seu amigo. Dessa forma, a inquietante falta de assunto presente no conto seria um fator de recalçamento do desejo pelo outro.

Porém, como mencionado anteriormente, as aulas de Questões da Literatura Brasileira haveriam de mostrar que esse sentimento amoroso, para se estabelecer como hipótese de leitura, deveria abarcar mais elementos do conto. Caso contrário, seria apenas uma projeção de expectativas pessoais minhas sobre certos elementos isolados do texto literário. A hipótese do homoerotismo deveria ser trabalhada de maneira mais sistemática, buscando indícios mais concretos na textualidade do conto, para além dos elementos de suposta denegação e recalque do sentimento amoroso.

Naquela ocasião, o professor me mostrou uma outra possibilidade de leitura: reconhecer a literalidade do discurso em “Uma amizade sincera”, revelando que, talvez, o desconforto presente entre os personagens seja realmente um desconforto, não um recalque do desejo. A perturbação do narrador em relação à presença do amigo poderia ser reconhecida enquanto tal – um descontentamento de fato –, e não como indício de algo subjacente. Por fim, como veremos adiante, talvez fosse o caso apenas de uma escuta mais isenta da masculinidade retratada no texto de Clarice, possibilitando uma leitura mais atenta às questões de gênero, e não tanto aos amores reprimidos. No mais, o professor nos fazia a seguinte provocação: uma amizade entre homens que se deseja profunda é necessariamente um indício de desejo amoroso? Homens não podem ter amigos íntimos? Se sim, por que a amizade não deu certo?

Na busca por um contraponto a “Uma amizade sincera”, minhas pesquisas se depararam com o conto “Aqueles dois”, de Caio Fernando Abreu. A experiência de leitura desse famoso texto de Caio possibilitou uma outra perspectiva do homoerotismo, que veio por sua vez a refigurar minhas primeiras impressões sobre o conto de Clarice.

## Capítulo 2: Um excuro sobre o homoerotismo

“Aqueles dois”, de Caio Fernando Abreu (2005), me pareceu ser um bom exemplo de texto com indícios positivos de homoerotismo. O conto relata a história de dois homens – Raul e Saul – que se tornam amigos de trabalho, e sua amizade acaba evoluindo para uma sutil e profunda relação amorosa. Os companheiros de trabalho almejam a presença constante um do outro e compartilham de angústias quando estão separados.

Por serem novos na repartição, inicialmente, os personagens se tratavam de forma cordial, porém as circunstâncias favoreceram para que se aproximassem. O fato de terem suas mesas uma ao lado da outra, os mesmos horários de trabalho e viverem uma vida solitária permitiu que os funcionários encontrassem assuntos em comum.

Especificamente, a aproximação começou em um dia que Saul chegou atrasado no trabalho, pois havia ficado até tarde assistindo um filme. Raul perguntou o nome da obra cinematográfica, e Saul o respondeu acreditando que seu companheiro não conheceria. Para sua surpresa, Raul conhecia a película, e percebendo o interesse em comum chamou Saul para tomar um café.

O café, no conto, é visto como pretexto que os personagens usam para estabelecer diálogos. Esse convite aparece com reincidência entre os personagens, ao ponto de ansiarem por esses encontros quando estavam separados. Esperavam ansiosamente para que pudessem se encontrar no trabalho e tomar um café, a fim de se conhecerem cada vez mais.

Com o passar do tempo, a preferência que Raul e Saul tinham pela presença um do outro foi ficando mais e mais visível no ambiente de trabalho. Na firma, os dois faziam sucesso entre as mulheres, que aproveitavam para convidá-los para festinhas e eventos. Apesar de aceitarem os convites, acabavam se esbarrando e rapidamente enveredando para conversas individuais, sempre terminando juntos. Conversas essas que ficavam mais pessoais à medida que se encontravam.

Além do café, outro elemento narrativo aparece com frequência na história: a música. Em diferentes situações, as melodias aparecem, de forma sutil, como se para externar o que estavam sentindo, e o fato das canções serem de cunho romântico reforça essa ideia. Músicas como “Tú me acostubraste”, “El dia que me queiras” e “La barca” são algumas das que aparecem na trama, normalmente

cantadas por Raul. As canções aparecem no momento em que os personagens estão passando tempo juntos, preenchendo os silêncios e os desejos ainda latentes com palavras cantadas de amor. É como se houvesse um “diálogo secreto” através das músicas.

Conforme a aproximação entre eles ficava mais evidente, os funcionários da firma começaram a suspeitar de um envolvimento amoroso. Um dia, devido a uma chuva, Saul acabou dormindo na casa de Raul, e como tinham que trabalhar no dia seguinte foram juntos para a repartição. Como chegaram ao mesmo tempo, e de cabelo molhado, as pessoas começaram a olhá-los de forma acusativa, chegando a fazer gracejos acerca da situação. Apesar de não terem percebido os comentários, esse foi um dos momentos que acarretou o desfecho da história: a demissão de Raul e Saul.

Os personagens estavam tão concentrados em conhecer um ao outro que não observavam o que acontecia em sua volta. A aproximação entre eles ocorreu de forma gradativa e natural, onde passaram de colegas de trabalho a confidentes que frequentavam a residência um do outro. Tornaram-se comuns os convites para jantar, passar o fim de semana e comemorar aniversários juntos.

A relação se estreitava com o passar do tempo, mas o primeiro momento erótico aconteceria quando Raul, desolado com o falecimento de sua mãe, buscou Saul para consolá-lo. Após beberem muito, quando Saul estava indo para casa, olhou para a barba de Raul e começou a tocá-la. Raul, por sua vez, começou a afagar os cabelos de Saul e ambos ficaram abraçados, em silêncio, sentindo o cheiro um do outro e vivenciando o que poderia ser um momento de afeto. Porém, as palavras do narrador, indicando circunstâncias sensoriais e temporais, nos indicam que havia algo além da amizade surgindo entre ambos:

“Quando Saul estava indo embora, [Raul] começou a chorar. Sem saber ao certo o que fazia, Saul estendeu a mão, e quando percebeu seus dedos tinham tocado a barba crescida de Raul. Sem tempo para compreenderem, abraçaram-se fortemente. E tão próximos ficaram que um podia sentir o cheiro do outro: o de Raul, flor murcha, gaveta fechada; o de Saul, colônia de barba, talco. No silêncio, era possível ouvir uma torneira pingando longe. Tanto tempo durou aquilo que, quando Saul levou a mão ao cinzeiro, o cigarro era apenas

uma longa cinza que ele esmagou sem compreender.” (ABREU, 2005, p. 138).

O segundo momento ocorreu no ano novo, quando negaram os convites da firma, e resolveram comemorar juntos. Naquela data, após uma bebedeira, Saul informou ao seu amigo que iria dormir nu, e foi retrucado com Raul elogiando seu corpo. Saul também elogiou o de Raul, e o cenário que se estabeleceu após esses comentários arremata o homoerotismo desenvolvido ao longo da história. Ambos estavam nus e se encontravam em camas separadas, sendo possível notar que durante a noite fumavam cigarros enquanto estavam deitados. A forma como o narrador descreve a brasa acesa, “feito um demônio de olhos incendiados” (ABREU, 2005, p. 139), mostra como os personagens sentiam desejo um pelo outro, e passaram a noite se observando. Segundo o narrador, Saul, inclusive, de manhã, saiu mais cedo da casa de Raul, para que ele não visse suas olheiras, sugerindo assim uma possível tensão sexual que teria tirado o sono de Saul.

Após essa ocasião, ocorreu o momento em que foram demitidos. Foram chamados na sala do chefe, que afirmou receber cartas delatando a relação amorosa entre os dois. Essas cartas eram assinadas por “Um atento guardião da moral”, e tinham frases depreciativas em relação aos personagens. O chefe os afastou com o argumento de que isso prejudicaria a imagem da empresa. Apesar dos seus protestos, os protagonistas precisaram recolher seus pertences das mesas de trabalho.

O conto finaliza com os funcionários observando Raul e Saul pegando um taxi, e saindo da empresa. O narrador afirma que nunca mais houve paz naquela repartição, e que as pessoas que trabalhavam ali sentiam que não conseguiriam mais ser felizes. E não teriam como ser, pois como dito no início do conto, aquele lugar se parecia com um “deserto de almas” (ABREU, 2005, p. 132). De fato, o desfecho do conto reafirma o lugar da amizade e do amor, com os personagens assumindo o profundo vínculo que partilham, mesmo que isso lhes tivesse custado a demissão de seus respectivos empregos.

Através de trechos, diálogos e episódios da trama, é possível comprovar, com facilidade, que o enredo de “Aqueles dois” nos conta uma história de amor. Uma história que não necessariamente mostra de forma literal o envolvimento dos dois homens; mas que indica, com sutileza, indícios positivos de um desejo nascente entre eles.

### Capítulo 3: Uma amizade sincera (?)

Em comparação com o conto “Aqueles dois”, vemos que uma visão romântica acerca do texto de Clarice Lispector permanece mais no plano especulativo. De antemão, cabe apenas afirmar que o conto fala sobre uma amizade estremecida. Especificamente, o processo de encerramento de um ciclo de amizade. Devemos primeiro atentar para isso, e para o fato de ser uma amizade entre dois homens, com todas as injunções que esse fator de gênero pode provocar na interpretação do texto.

Uma particularidade presente na trama é a forma como o declínio da amizade é desenvolvido ao longo da história. Durante o conto, o leitor é apresentado, unicamente, à perspectiva do protagonista. Apesar dos fatos serem contados somente pela visão do narrador, as frustrações e sensações descritas acabam sendo projetadas no seu parceiro. E o uso de verbos na primeira pessoa do plural encaminha o leitor a uma perspectiva de reciprocidade, em que os amigos possuem os mesmos sentimentos sobre o que estão passando.

No início da trama, somos apresentados ao começo da relação. Os amigos se conheceram no último da escola, e genuinamente tiveram uma conexão especial. Em seus encontros, sentiam-se confortáveis com a presença um do outro, e buscavam assuntos para compartilhar diante de tamanha reciprocidade. Porém como estavam a vivenciar “uma amizade sincera”, era necessário que os tópicos dessas conversas fossem importantes, pois o nível de sinceridade partilhada nesse vínculo não permitiria assuntos banais.

Ao longo do conto, o leitor consegue ter alguns indícios sobre os assuntos que poderiam entrar em suas conversas. Iremos abordar esses pontos, ao longo do desenvolvimento desse capítulo, conforme sejam feitas as análises sobre a história.

Passada a fase inicial, a amizade antes vista como motivo de felicidade estava a passar por um abalo. Os encontros, agora, já não tinham mais a variedade de assuntos, os quais sempre deveriam apresentar caráter confessional e profundo. Pela amizade ter sido colocada em um patamar de alta sinceridade, os amigos sentiam dificuldade em encontrar conversas de fato relevantes que justificassem seus encontros. Falar de outras pessoas e sobre amores eram tópicos proibidos em seus diálogos, pois estariam “adulterando o núcleo da amizade” (LISPECTOR, 1998, p. 13), afinal “um homem não falava de seus amores” (idem, p. 13-14).



Apesar de sempre marcarem encontros, após finalizá-los os amigos sentiam-se solitários. O leitor acompanha a transição de uma amizade: inicialmente vista como um presente, ela se torna uma fonte de solidão entre os amigos, o que acaba gerando questionamentos do narrador sobre si mesmo.

É visto durante o conto a utilização da palavra “pobreza”, para descrever os sentimentos internos do personagem. O narrador estava a esgotar o leque de possibilidades de contato, pois nada era bom o suficiente para essa relação. As inúmeras tentativas de entregar ao seu amigo algo que fosse digno acabam lhe frustrando, e gerando um “vazio” no personagem.

Aprofundando os fatos narrativos expostos, a “pobreza” citada anteriormente pode estar relacionada ao fato das amizades masculinas serem caracterizadas por uma parceria. Nessa parceria, para uma amizade ser considerada verdadeira, é necessário que os amigos estejam dispostos a fazer o que for para proporcionar o bem estar de seu amigo.

Assuntos sentimentais ou considerados superficiais são desconsiderados, dando enfoque a tópicos e atitudes grandiosas, que justifiquem o alto grau de parceria. Essa “pobreza” seria o fato dos amigos estarem chegando a um ponto em que não há mais o que oferecer nessa relação, pois estabeleceram altos requisitos a serem preenchidos na manutenção dessa amizade.

Voltando para o conto, eis que surge um derradeiro “ato grandioso” que animou os personagens: os amigos resolvem morar juntos. Como o companheiro estava morando sozinho, o narrador resolve convidá-lo a dividir moradia, para se apoiarem nesse momento. Os personagens montam o cenário perfeito para o reavivamento da antiga amizade, e se envolvem num grande projeto de uma casa compartilhada. Mas, após o grande acontecimento, voltam ao ponto de não conseguirem encontrar um assunto que mantivesse o alto nível pressuposto na amizade. Assim, retornam ao silêncio constrangedor e sufocante.

Os amigos parecem saber que a amizade estava a atingir um nível em que não havia mais o que confessar ou acrescentar. A afirmação “inútil querer desenvolver para mais de um momento a certeza de que dois e três são cinco” (LISPECTOR, 1998, p. 14) mostra como o narrador utiliza de uma expressão matemática, para indicar que não havia mais o que desdobrar nessa relação – uma relação que é quase um fato matemático: irreduzível, porém, árido e estéril. Por mais que lutassem, o fim estava por vir.

Após perceberem que não havia como essa amizade progredir, a presença um do outro se tornou um incômodo para os amigos. Ver o seu tão fiel companheiro lembrava o narrador de não possuir o mínimo necessário para que houvesse a manutenção dessa amizade, e, nas palavras do narrador, se tornava: “uma acusação de minha pobreza” (LISPECTOR, 1998, p. 15).

Um último entendimento entre os amigos, uma derradeira razão de vínculo, foi uma questão burocrática com a Prefeitura, onde os amigos se empenharam para resolver o problema. Como se tratava de um assunto importante, objetivo, concreto, os dois se reuniram e planejaram formas de conseguir resolver o transtorno.

Nesse período os amigos tiveram facilidade em retomar conversas, projetando grandes empreitadas para superar os entraves burocráticos. Mas, após resolverem essa questão, acabaram retomando ao mesmo ponto em que estavam.

Após esse acontecimento, os amigos perceberam que a amizade estava por se encerrar. Intimamente, sabiam ter feito de tudo para salvar essa relação, em que parecia não haver mais o que acrescentar. Com isso, ocorre a despedida, ambos fugindo com o pretexto de viajar para visitar as suas respectivas famílias. Encerraram tudo com um aperto de mãos, no aeroporto, com a certeza de que haviam vivenciado uma verdadeira amizade sincera.

## Capítulo 4: A mulher por trás dos homens

Em 16 de Julho de 2021, o canal “Inspiração Literária”, no YouTube, publica uma entrevista de Maria Bethânia feita pela apresentadora Gisele Kato. Nessa entrevista, Bethânia cita e fala sobre a importância de Clarice em sua vida, afirmando: “Eu não sei andar por lugar nenhum sem Fernando [Pessoa] e Clarice. Os dois me norteiam... aprendo demais com eles”<sup>1</sup>.

A fala de Maria Bethânia mostra a importância dos textos de Clarice, e das mensagens que a autora apresenta em suas obras.

Nascida no dia 10 de dezembro de 1920, na Ucrânia, em uma aldeia chamada Tchetchelnik, é filha de Pinkouss e Mania Lispector. Clarice e seus pais se mudaram para o Brasil durante o período da Guerra Civil Russa. No Brasil, ela estudou em excelentes escolas, cursou a Faculdade Nacional de Direito e atuou como jornalista. Publicou diversos livros, com diferentes temáticas, indo da literatura infantil a temas de caráter existencial.

Em “Uma amizade sincera”, vemos um conto sobre a amizade entre dois homens, mas que foi escrito por uma mulher. O conto é narrado em primeira pessoa, e são poucos os textos claricianos que apresentam narradores homens: dentre estes, o mais célebre certamente é Rodrigo S. M., de *A hora da estrela*, seguido do narrador de *Um sopro de vida*. Mas em contos como “O jantar”, de *Laços de família*, vemos também um olhar duplo sobre a masculinidade: tanto o personagem quanto o narrador são homens.

De todo modo, também com seus narradores homens, a autora consegue captar a essência dos personagens, enquanto descreve o seu cotidiano, e promove uma identificação por parte do leitor. Clarice consegue dialogar com pessoas de diferentes idades, gêneros e classes sociais, provavelmente devido a um olhar que busca enxergar a condição humana em todas as situações. Em uma entrevista dada em 1976, para o programa “Os Mágicos”, o entrevistador pergunta a Clarice: “Você se classificaria como uma escritora que escreve por vocação ou por necessidade?”,

---

<sup>1</sup>YOUTUBE. "ELA ESCREVEU O QUE EU SINTO" | Clarice Lispector e Maria Bethânia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4d4mGNtWznU>. Acesso em: 6 set.2023.

e obteve como resposta: “Olha, eu só escrevo por que não consigo deixar de escrever. É mais forte do que eu”<sup>2</sup>.

Em diferentes entrevistas e relatos de amigos, Clarice sempre mostrou ser uma pessoa mais reservada, mas que através das palavras se expressava por completo. Através da vivência e observação profundas, Clarice escreveu textos que contemplam a condição humana no seu sentido mais essencial e secreto, desvendando a complexidade e os paradoxos das relações afetivas.

Em “Uma amizade sincera”, é possível ter uma perspectiva singular das amizades masculinas. Vemos que as amostras de afeto que ocorrem nessas relações acabam sendo diferentes, se comparadas às amizades entre mulheres. A autora consegue estabelecer uma ligação entre o leitor e os personagens presentes no texto. A autora retrata de maneira bem peculiar e empática os pensamentos do narrador, promovendo uma visão interessante do universo masculino aos seus leitores, especialmente as mulheres.

No artigo “A linguagem de Clarice Lispector como desautomatização da vida”, escrito por Vania Maria Castelo Barbosa e Vera Lucia Albuquerque de Moraes (2008), vemos uma proposta de mostrar como os textos de Clarice promovem reflexões sobre o cotidiano.

Nesse artigo é possível ver uma citação de Benedito Nunes acerca dos textos de Clarice: “Assim, a linguagem, tematizada na obra de Clarice Lispector, envolve o próprio objeto da narrativa, abrangendo o problema da existência, como o problema da expressão e da comunicação” (NUNES, 1969, p. 130).

A literatura de Clarice não abrange somente temas, sejam eles comuns ou controversos. A questão está na maneira de abordá-los, a partir de uma reflexão constante sobre os limites da palavra, questão essa que perpassa a própria vivência dos personagens, que não encontram palavras para lidar consigo mesmos e com o outro.

Em “Uma amizade sincera”, a questão seria a dificuldade que o narrador tem em manter essa amizade por meio da palavra e do afeto. O nível estabelecido nessa relação é tão alto e de ordem pragmática, que se tornou limitado a assuntos e

---

<sup>2</sup> YOUTUBE. ENTREVISTA EM CASA 1976 | Clarice Lispector. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=91YsrgTdhDQ>. Acesso em: 6 de set .2023.

atitudes que os amigos podem tomar de maneira cabal, sem haver espaço para algo mais sutil e delicado.

Mesmo tendo uma vivência distinta (a de uma mulher, por exemplo), Clarice consegue, através do texto, descrever características culturais presentes no cotidiano dos homens. Falas como “Tentar falar sobre nossas mútuas namoradas também estava fora de cogitação, pois um homem não falava de seus amores” (LISPECTOR, 1998, p. 13-14) e “Cederia a alma? mas afinal de contas quem queria ceder a alma? Ora essa.” (idem, p. 16) – demonstram reflexos da criação masculina, onde a amizade e as demais relações precisam ficar em um campo mais superficial, alheio às sutilezas e contradições dos afetos, ao terreno minado da intimidade.

Outra característica presente nos contos de Clarice, e que ocorre em “Uma amizade sincera”, é a repetição de palavras. O artigo “A repetição como dispositivo estético a serviço do texto clariciano”, escrito por Daniele Fernanda Eckstein (2018), fala sobre essa característica presente nos contos de Lispector: “Pensar a obra de Clarice Lispector através do viés da repetição nos projeta para um tempo-espaço em que os polos opostos se anulam (eu x outro) e o jogo linguístico ocupa um lugar central” (ECKSTEIN, 2018, p. 199).

A repetição das palavras “amizade” e “sinceridade” é algo que aparece durante a leitura. “Mas **uma amizade sincera** queria a sinceridade mais pura” (LISPECTOR, 1998, p. 14, grifo meu); “Minha **sincera** pobreza revelava-se aos poucos” (idem, p. 14, grifo meu); “**Amizade** é matéria de salvação.” (idem, p. 14, grifo meu) – são alguns dos trechos onde a autora usa da repetição para dar ênfase, mas abrindo um espaço ambíguo de especulação sobre o teor dessa tão afirmada sinceridade.

Clarice provoca seus leitores ao criar uma narrativa, que prende e promove diferentes reflexões acerca do tema da amizade. Algo que se une ao caráter repetitivo é a colocação dessa amizade em um pedestal, a ponto de poder ser vista como algo divino, da ordem da salvação ou da redenção.

O artigo “A linguagem espiritual de Clarice Lispector”, escrito por Nelson Vieira (1987), cita essa característica:

Portanto, este estudo pretende demonstrar que a linguagem e a obra de Clarice Lispector refletem e respeitam a estética da narrativa bíblica, especialmente a retórica do Antigo Testamento, onde o poder concreto da palavra, a repetição de

palavras chaves e de uma sintaxe evocativa, mais o elemento mítico, paradoxal e ilógico apresentam ao leitor um estilo sério, sagrado e espiritual (VIEIRA, 1987, p. 83).

No conto em análise, a amizade era dotada de tanta sinceridade, ao ponto de ser vista como matéria de salvação. A relação tinha o poder de tirar os personagens de sua solidão, e foi objeto de reflexão do narrador, que via na amizade a possibilidade de uma palavra que, conforme já vimos anteriormente, “cederia a alma”.

Vimos que essa ideia elevada de amizade, como sendo algo sincero e de motivo para persistência, se modifica no final da trama. Porém, de certa forma, a amizade ainda é colocada em um patamar de valorização, mesmo o seu fim sendo aceito. Os personagens entendem que chegaram ao seu limite, um limite talvez sagrado de amizade, e se despedem, aceitando o fim de seu ciclo.

Tendo em vista o exposto, vemos que o talento e a sensibilidade de Clarice Lispector se dão ao retratar temas rotineiros com grandiosidade, ou temas fundamentais com simplicidade, mostrando o mérito de seu renome. Lispector transita entre os anos, com uma literatura atemporal. Uma autora que observa e retrata as diferentes vivências com sutileza e complexidade, quebrando todas as barreiras da existência – inclusive, as barreiras de gênero.

## Capítulo 5: Masculinidades e afetos

Por mais que os textos de Clarice permitam aos seus leitores se identificarem com as passagens de suas obras, vale lembrar que o conto aborda uma amizade entre dois homens, e esta análise parte de um ponto de vista feminino.

Neste capítulo, será feita uma leitura crítica do conto a partir da perspectiva de gênero. As atitudes tomadas pelos personagens serão analisadas a partir da forma como homens tendem a se portar em seus ciclos de amizade e nas suas vidas afetivas. Essa análise permitirá a aparição de algumas reflexões de cunho crítico à masculinidade, possíveis precisamente pela leitura do texto clariciano.

Durante a leitura do conto, é possível traçar diferentes questionamentos, acerca do comportamento dos personagens. Inicialmente, os meios para que houvesse a manutenção dessa amizade foram dados que me intrigaram. Os amigos classificavam a amizade como algo tão importante, mas estabeleceram inúmeros limites na relação. O narrador cita assuntos que não poderiam entrar em suas conversas, e determina as situações específicas em que precisavam um do outro, a partir de critérios de relevância, urgência ou salvamento diante de uma situação extrema de necessidade.

Esses momentos de ajuda são vistos quando os amigos decidem morar juntos ou precisam resolver um problema burocrático, ou seja, entraves geralmente de ordem objetiva e pragmática. Note-se que tais acontecimentos possibilitam aos personagens conforto de se ajudarem mutuamente, pois são tópicos permitidos, mas acabam impondo um senso de seriedade e uma limitação do laço afetivo a termos materiais e práticos.

A sensação é de que os amigos buscam tanto manter essa amizade aparentemente sincera, que acabam se apegando a ocasiões que dizem mais das circunstâncias do universo socioeconômico do que deles mesmos num sentido profundo e pessoal. As lamentações feitas pelo narrador, em praticamente todo conto, acerca do desconforto que se instalara entre os amigos, acabam sendo acalmadas, quando estes conseguem achar motivos legítimos (pragmáticos? fúteis?) para continuar o vínculo.

As características dessa relação divergem da visão de sinceridade em uma amizade feminina. Para as mulheres, ter uma amizade sincera é poder tratar de diferentes assuntos, sejam eles sentimentais ou burocráticos. A amizade feminina

não possui as mesmas limitações como as vistas na trama, o afeto é visto como prioridade e a presença é valorizada, sem a necessidade de constantemente buscar salvar o outro. Basta ouvi-lo, compartilhar das mesmas angústias, dividir o espaço físico e emocional com esse outro.

A comparação com as amizades femininas e com meu universo afetivo-pessoal me leva a concluir que os modelos de criação estabelecidos para homens e mulheres afetam o processo de formação do indivíduo, e conseqüentemente, suas relações.

Os meninos, desde novos, são incentivados a assumirem liderança e serem fortes em sua trajetória. Para as meninas, cabe o papel de serem dóceis e exercerem funções onde se destaque a sua sensibilidade. A forma como é feita o processo de socialização dos homens os impede de aprofundar seus sentimentos, e por esse motivo, os personagens não percebem que estão sendo superficiais e limitados na amizade.

No livro de JJ Bola, o prefácio escrito pelo cantor Emicida descreve a forma como as relações masculinas funcionam:

“O mundo é seu, desde que você não abrace outro homem, não o beije, jamais ande de mãos dadas ou demonstre sensibilidade, desde que você não chore, não desabafe, não reconheça o quão difícil está uma situação que tem atravessado, desde que você não divida as tarefas domésticas, não diga eu te amo para seus filhos, não tenha profundo respeito por todos que não são como você, desde que você cumpra uma lista extremamente longa de atributos (...)” (EMICIDA in BOLA, 2020, p. 9-10).

Os amigos não conseguem captar que o dilema dessa amizade está relacionado às questões atreladas à masculinidade. Poder expressar sua admiração, através de atos objetivos, definitivos e profundos que impactassem positivamente a vida do outro, é a forma como lhes foi ensinado e permitido ao longo dos anos. Mas há nessa demonstração de afeto quase um exercício de poder. Há uma valorização do amparo, mas este é definido como essencial e como uma amostra de força e coragem de salvar o outro. Ajudar um amigo a resolver um problema, que está gerando incômodo e lhe acarretando inquietações, de maneira eficaz e decisiva, é a



demonstração de afeto mais elevada para um homem. Mas talvez não haja, na operação heroica de resgate do outro, espaço para escutar essas mesmas inquietações.

É necessário acrescentar que essas atitudes heroicas também refletem uma aparente necessidade do narrador de preencher algo. Os momentos em que os amigos não conseguem “salvar” um ao outro propiciam o sentimento de solidão, e conseqüentemente um vazio. Esse vazio citado na trama demonstra como os homens utilizam diferentes formas para lidar com suas questões psicológicas, ao invés de buscar ajuda profissional ou simplesmente entrar em contato com emoções e angústias internas.

Uma matéria retirada do Instituto de Psicologia da USP afirma que grande parte dos homens não procura ajuda psicológica.<sup>3</sup> Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, coletados na Pesquisa Nacional de Saúde, 69,4% dos homens procuraram um psicólogo em 2019. Para as mulheres, esse percentual alcança 82,3%. Além disso, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), as taxas de suicídio no Brasil são três vezes maiores entre homens do que mulheres.

Procurar ajuda é visto como sinônimo de fraqueza no universo masculino. No texto de Clarice, o vazio sentido após seus encontros era algo que revelava, segundo o narrador, um sentimento de pobreza. Essa pobreza, além de estar relacionada ao fato de os amigos não conseguirem encontrar assuntos a serem trabalhados na amizade, revela o estado emocional do narrador. A sensação de não ter algo a acrescentar na vida do outro só ocorre porque os parceiros estão limitados sobre o que podem falar. Não há engajamento subjetivo e afetivo. Os amigos teriam muito o que dizer, se todo e qualquer tópico fosse permitido em seus diálogos, mas a imposição colocada nessa amizade acaba os silenciando. As relações masculinas trabalham em um âmbito de superficialidade, o que acaba gerando indivíduos frustrados, por não conseguirem expressar seus sentimentos.

Aliás, ao longo da trama, o narrador mostra indícios de estar tendo um processo de autoconsciência, sobre como visualiza a natureza desse vínculo. A

---

<sup>3</sup> JORNAL DA USP. **Para especialistas, é hora de acabar com a cultura do “homem não chora”**. Disponível em: <https://jornal.usp.br/campus-ribeirao-preto/para-especialistas-e-hora-de-acabar-com-a-cultura-do-homem-nao-chora/>. Acesso em: 16 de out. 2023

forma como detalha as situações do conto, e suas conclusões acerca dos episódios, mostram que a amizade se mostrou como objeto de análise para o protagonista. Essas indagações aparecem em reflexões realizadas após a frustração de seus encontros. O protagonista vai além de descrever sua própria angústia e têm reflexões mais abrangentes, acerca das relações, como visto em “Só muito depois eu ia compreender que estar também é dar” (LISPECTOR, 1998, p. 16).

Esse trecho foi retirado de um momento em que o narrador se questiona sobre a valorização dos atos e gestos de serviço nas relações. Através dessa fala é possível notar que a reflexão não foi de imediato, o que não diminui sua importância. O protagonista percebe que existem outras maneiras de demonstrar sua admiração, além de prestar favores, ocorrendo um enaltecimento da presença. Estar na companhia do outro, mesmo que não haja nenhum tipo de troca ou benefício material, não deixa de ser menos importante, e ao longo do tempo o narrador parece indicar que vai compreender isso.

Até mesmo no desfecho do conto é possível observar as amarras do machismo, na forma como os amigos se despedem no aeroporto. Uma relação, que foi de tamanha importância, ao ponto de ser responsável por tirá-los de sua íntima solidão (ou de revelá-la a eles), é encerrada por um simples “aperto de mão comovido”.

Os amigos sabiam que não iriam se ver mais, e nem ao menos em sua despedida foram capazes de demonstrar afeto. Apesar de o final gerar, de maneira sugestiva, um autoquestionamento, tudo se encaminhou para que a amizade não conseguisse continuar. É algo que está além do que os amigos imaginariam e poderiam dar naquele momento, e enquanto isso não for compreendido e questionado, amizades sinceras entre homens estarão fadadas ao fracasso.

## CONCLUSÃO

Através do conto “Uma amizade sincera” foi possível realizar uma análise sobre a relação de amizade entre os homens.

Confesso que, ao ler esse conto pela primeira vez, não acreditei se tratar de uma amizade. Como mulher, foi difícil enxergar no conto que as atitudes retratadas pelos personagens se assimilavam a algo genuíno e verdadeiro, talvez uma autêntica amizade entre homens, não importa o quão criticável ela possa ser.

A amizade entre mulheres é dotada de sentimentalismo e demonstrações físicas de afeto. É comum para as meninas se reunirem e falar sobre suas angústias amorosas e suas frustrações diárias. A partir do momento que categorizamos uma amizade como sincera, as características anteriormente citadas tendem a estar incluídas como algo consensual ou implícito.

Por isso, a leitura desse conto se tornou desafiadora. A minha vivência impossibilitou que eu enxergasse a singularidade dessa amizade masculina, vindo nela antes o recalque de um sentimento amoroso – conforme vimos no capítulo 1.

Não nego que esse texto me tirou da zona de conforto, e fez com que eu tivesse uma perspectiva da visão masculina acerca desse tópico. Essa reflexão me gerou mudanças de opiniões sobre a forma radical como enxergava os homens. Antes acreditava que eles estabeleciam alguns comportamentos como forma de garantia do poder. Porém, através do conto e de conversas que tive com outros homens, percebo que, em grande parte, eles não percebem a forma como lidam com suas relações. Assim como os personagens do conto de Clarice, talvez o problema não seja que as amizades masculinas sejam elos superficiais, pretextos para a demonstração de poder. Mas sim que a formação masculina patriarcal produz homens que simplesmente não tem o que doar além da sua própria ação “heroica” e pragmática, desprovida de empatia e sentimento.

No geral, o modo como os homens foram criados na sociedade machista de hoje os impossibilita de olhar para essas questões internas. No conto, os amigos realmente acham que possuem uma amizade sincera, e de fato têm, mas é a sinceridade conhecida e trabalhada na ótica de uma masculinidade que precisa urgentemente de desconstrução.

No conto, para demonstrar amizade é necessário que um homem resolva todos os problemas dos seus entes queridos. Que os amigos saibam que ele se aterá somente a isso: resolver e passar para a próxima empreitada.

Os amigos acreditam que a amizade terminou por não terem um assunto que fosse tão importante, ao ponto de servir de pauta para suas conversas e mútuo auxílio. Mas se pararmos para analisar, essa amizade já tinha data de validade, pois os desafios pragmáticos apenas encobrem questões internas, que surgirão cedo ou tarde nas relações humanas. Quando os sujeitos são obrigados a lidar com as duras verdades existenciais da vida, com a dor e a alegria de sermos humanos, aí é que as amizades mais podem nos salvar.

Enquanto os amigos não perceberem que eles poderiam estar na presença um do outro sem necessitar de algo extraordinário a ser feito ou abordado, abrindo-se para o imponderável das relações humanas, a amizade será sempre o lugar – conforme o próprio narrador diz – de uma profunda pobreza. Um vazio que nunca será preenchido por desafios burocráticos, dilemas materiais ou ainda questões de resolução óbvia e prática.

Apesar de as mulheres serem as principais atingidas, o machismo também prejudica os homens. Força-os a não demonstrar fraqueza, e até mesmo um ato natural como chorar é repreendido. O machismo promove algo falso, já que tenta moldar um ser humano sem emoções, um herói irreal que acha que tem a solução para todos os problemas.

Em que pese ser um conto sobre amizade, é possível tecer argumentos e reflexões que possibilitem aos homens explorar o afeto e suas dúvidas existenciais. Que o texto de Clarice Lispector possa ser usado não somente para questionamentos individuais, mas também como crítica a uma masculinidade frequentemente tóxica que impede uma sociedade mais igualitária e justa para homens e mulheres.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Caio Fernando. “Aqueles dois”. In: \_\_\_\_\_. **Morangos mofados**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

FRAZÃO, Dilva. “Clarice Lispector. Escritora e jornalista brasileira”. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/clarice\\_lispector/](https://www.ebiografia.com/clarice_lispector/). Acesso em: 12 de mar. 2023.

CAMARA DOS DEPUTADOS. “Masculinidade Tóxica e Política (REPRISE)”. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/889951-masculinidade-toxica-e-politica-reprise/>. Acesso em: 13 de set. 2023.

BARBOSA, V. M. C; MORAES, V. L. A. “A linguagem de Clarice Lispector como desautomatização da vida”. **Revista de Letras**, Fortaleza, n. 29, 2008.

BOLA, J. J. **Seja homem**: a masculinidade desmascarada. Porto Alegre: Dublinense, 2020.

ECKESTEIN, Daniele Fernanda. “A repetição com dispositivo estético a serviço do texto clariciano”, **Revista Letras**, Curitiba, UFPR, n. 98, pp. 199-210, jul./dez. 2018.

LISPECTOR, Clarice. “Uma amizade sincera”. In: \_\_\_\_\_. **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

OLIVEIRA, Laura. “Para especialistas, é hora de acabar com a cultura do “homem não chora”. Disponível em: <https://jornal.usp.br/campus-ribeirao-preto/para-especialistas-e-hora-de-acabar-com-a-cultura-do-homem-nao-chora/>. Acesso em: 16 de out. 2023

VIEIRA, Nelson. “A linguagem espiritual de Clarice Lispector”. In: **Revista Travessia**, n. 14, 1987.